



AS AVENTURAS DE RAMIRO E EULÁLIA NA CIDADE GRANDE

Francisca Ivonete B. Queiroz

Certo dia, no território indígena do Xingu, veio, não se sabe de onde, uma ventania muito forte, seguida de uma tempestade como não se tinha visto até então naquele lugar. Não demorou muito para que toda a água caída da chuva fosse buscando os rios e daí em direção a uma lagoa muito calma, de água morna, onde vivia, muito tranquilamente, um casal de sapos de meia-idade. Ele chamava-se Ramiro. Ela era a Eulália.

A chegada daquelas águas, trazendo consigo sujeira, folhas, troncos, terra, restos de animais mortos e mesmo a velocidade com que as águas chegaram à lagoa, quebrou aquela rotina e o que era um lugar bucólico e tranquilo, uma perfeita morada para um casal romântico de sapos, tornou-se um lugar agitado e desconfortável. Mesmo a água, que era clara e permitia uma visão panorâmica, havia se tornado turva a ponto de não se enxergar um palmo à frente.

O casal não gostou da mudança no meio ambiente, e, depois de muito analisar, de muito conversar, chegou a uma conclusão: não havia outro meio, senão deixar a lagoa, já que a vida ali não os agradava mais. Com tristeza na alma, arrumaram as poucas coisas que levariam, deixaram sua casa e começaram a perambular muito em busca de uma nova morada que fosse semelhante à quietude daquela lagoa.

Acharam - é verdade - ainda outras lagoas, que, no entanto, não os agradou. Uma não tinha a água quentinha como de sua antiga morada. Noutra havia sapos demais e o espaço seria reduzido. Naqueloutra havia peixes que se alimentavam de sapos e o perigo era demasiado.

E assim, desagradados, continuaram sua peregrinação em busca de um lugar onde pudessem se sentir bem novamente. No caminho em busca da nova casa, muitas vezes tiveram que dormir em lugares perigosos, correndo risco de morte porque seus predadores naturais estavam sempre à procura de um bom e suculento jantar.

A intensa procura e os constantes perigos aliados ao cansaço da viagem embaralharam um pouco o sentido de orientação dos sapinhos em trânsito e, sem perceber, eles se afastaram muito da floresta, penetrando nos perigosos domínios da cidade grande.

Ali encontraram situações muito difíceis, mesmo caóticas. Não havia lagoa que não estivesse seriamente poluída e com muito lixo, incluindo sacos plásticos diversos como garrafas pet, sacolas de lixo, cacos de vidro entre outros. Morar numa lagoa assim seria como morar num esgoto tóxico e isso estava fora de questão. No segundo dia, a fumaça presente no ar irritou a pele de Eulália e ela permaneceu por vários dias doente.

Ramiro quase foi atropelado por um motorista imprudente. No quarto dia dentro da cidade, o casal havia passado por muitas situações de perigo e estava muito cansado; enfrentaram noites de frio intenso; o sapo estava resfriado, e, pior ainda, sem motivação, sem esperança e sem lar. As coisas tinham ficado pior do que quando estavam na lagoa e eles não sabiam o que fazer.



No quinto dia, como estavam sem opção, tiveram que improvisar uma morada numa grande obra que encontraram. As condições estavam realmente longe do mínimo necessário, mas era o que tinham para o momento. Foi então que, sem outra opção, os sapinhos passaram a morar na construção.

A obra estava cheia de outros buracos, todos ocupados por outros sapos também vindos da floresta ou em trânsito, que também estavam ali insatisfeitos, apertados e passando necessidades. Os buracos eram pequenos e arranjados uns em cima dos outros de modo que cada espaço era bem apertado e precário.

Nos primeiros dias, o casal não conseguiu dormir devido ao barulho dos vizinhos. Incomodaram-se muito com as buzinas dos automóveis que transitavam na avenida próxima, além das brigas frequentes que aconteciam num bar ali perto. A música excessivamente alta também era um problema, já que se estendia por toda a madrugada...

Como os sapos respiram pela pele, não demorou que os dois ficassem bastante doentes: pele irritada, olhos vermelhos, tosse, rouquidão foram o resultado de um ar poluído. Mas como ninguém é de ferro, também estavam irritadiços, sem paciência e ásperos um com o outro.

Discutiram algumas vezes e, para evitar que se machucassem mutuamente, ficou cada um no seu cismar. Só trocavam monossílabos.

Mas a situação ainda pioraria. Um vizinho gente boa, vendo aquele casal novato, gentilmente os alertou: uma das moradoras daquela obra era uma cobra jiboia faminta.

E como ali, já nos limites da cidade, a comida era escassa, os sapos corriam um perigo ainda maior. Poderiam virar jantar da temida cobra. Certo dia, o casal teve uma grande surpresa: voltando do mercado, onde compraram filé de mosquito instantâneo para o jantar, depararam-se com a velha cobra temida por todos. Foi um daqueles encontros de esquina, no qual um esbarra no outro e não se tem como fugir.

Pasmados, num segundo, os dois prepararam a fuga, quando o sapo percebeu que a cobra arquejava, demonstrando grande fraqueza. O sapo parou, observou, e, logo viu que a cobra estava doente. Concluiu que não havia perigo. Perguntou a ela o que havia acontecido, por que ela estava daquele jeito, parecendo tão doente e se ela precisava de alguma ajuda.

Ela aceitou a ajuda e os sapinhos a conduziram até a casa dela. Foi então que, numa longa narrativa, a cobra falou-lhes do dia em que, por conta de algumas dificuldades, deixou sua casa na floresta para viver na cidade. E disso se arrependia amargamente...



Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré, poeta popular, compositor, cantor e improvisador.

Os sapinhos, claro, compartilhavam de sua opinião. Também eles, embora tivessem chegado recentemente à cidade grande, prefeririam jamais terem saído da lagoa, apesar das dificuldades ali encontradas.

A cobra, cujo nome era Gina, ainda lhes contou que nascera no sul do Ceará, em uma serra próxima à cidade de Assaré. A vida lá era doce e calma, embora houvesse dificuldades. Se pudesse voltar no tempo - dizia Gina - nunca sairia de sua terra natal. Agora, já velha e doente, estava muito longe do local de seu nascedouro e a volta era impossível.

Em certo momento, Gina ainda lhes serviu uma cajuína bem geladinha, explicando-lhes que era uma bebida típica de sua terra. Os sapos bebericaram com prazer, enquanto Gina serviu a mesa do jantar. Jantaram os três. Mas antes de começarem o repasto, Gina ofereceu-lhes uma música lá de sua região. O casal ouviu a música e aquela noite foi muito agradável.

Foi uma longa conversa. Gina ainda lhes falou sobre um poeta chamado Patativa do Assaré. Era dele a letra da música que acabavam de ouvir. Sei que poucos dias depois os sapos abandonaram a obra e embrenharam-se no mato de volta para a lagoa. Levaram lições e muitas saudades de Gina. Mas eram privilegiados. Muitos deixam sua terra natal em busca de uma vida melhor. Poucos conseguem voltar. Eulária e Ramiro estavam entre esses poucos...

VACA ESTRELA E BOI FUBÁ

Seu dotô me de licença
Pra minha história contá
Hoje eu tô na terra estranha
E é bem triste o meu pená
Mas já fui muito feliz
Vivendo no meu lugá
Eu tinha cavalo bom
Gostava de campeá
E todo dia aboiava
Na porteira do currá
Ê, vaca Estrela, ô, boi Fubá
Eu sou fio do nordeste
Não nego o meu naturá
Mas uma seca medonha
Me tangeu de lápra cá
Lá eu tinha o meu gadinho
Não é bom nem imaginá
Minha linda vaca Estrela
E o meu belo boi Fubá
Quando era de tardezinha
Eu começava a aboiá
Ê, vaca Estrela, ô, boi Fubá
Aquele seca medonha
Fez tudo se trapaíá
Não nasceu capim no campo
Para o gado sustentá
O sertão esturricô, fez os açude secá
Morreu minha vaca Estrela
Se acabou meu boi Fubá
Perdi tudo quanto eu tinha
Nunca mais pude aboiá
Ê, vaca Estrela, ô, boi Fubá
Hoje nas terra do sul
Longe do torrão natá
Quando eu vejo em minha frente
Uma boiada passá
As água corre dos oios
Começo logo a chorá
Lembro minha vaca Estrela
E o meu lindo boi Fubá
Com sodade do nordeste
Dá vontade de aboiá
Ê, vaca Estrela, ô, boi Fubá





**Quando sua brincadeira constrange,
humilha e, de alguma forma, machuca
o outro, não é brincadeira. É
desrespeito. Pense nisso.**

